

MANEJO ANESTÉSICO EM LAGOMORFO SUBMETIDO À CISTOTOMIA – RELATO DE CASO

ASSUNÇÃO, Manoela
ALBUQUERQUE, João Ricardo Bortoluzzi de
ALENCAR, Allan Macedo de
KROLIKOWSKI, Giovani

INTRODUÇÃO

A anestesia em lagomorfos exige cuidados específicos devido à alta sensibilidade ao estresse, risco de miopatia de captura e rápida instabilidade cardiorrespiratória, além de particularidades gastrointestinais que tornam o jejum prolongado desnecessário e potencialmente prejudicial. Dessa forma, a escolha e o ajuste dos fármacos devem considerar a rápida resposta cardiorrespiratória dos coelhos, bem como a necessidade de monitorização rigorosa para garantir um procedimento seguro e uma recuperação adequada.

A urolitíase, por sua vez, é uma condição relativamente comum em coelhos, decorrente de sua fisiologia excretora singular, caracterizada pela excreção renal de cálcio, o que favorece a formação de urólitos. Quando esses cálculos comprometem a função vesical, a cistotomia configura-se como o procedimento cirúrgico indicado para sua remoção.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Cubas, Silva e Catão-Dias (2014), a fisiologia excretora peculiar dos lagomorfos os torna predispostos à urolitíase renal ou vesical, uma vez que o sistema renal é responsável pela maior parte da excreção de cálcio, favorecendo, assim, a formação de cálculos. Contudo, identificou-se um urólito na vesícula urinária por meio de exame radiográfico em um coelho macho, de 3 anos de idade e 2,1 kg, classificado como ASA II, segundo a Sociedade Americana de Anestesiologistas, o que indicou a necessidade de intervenção cirúrgica, sendo a cistotomia o procedimento de escolha.

Não foi realizado exame de sangue, com intuito de evitar estresse excessivo, visto que, devido às particularidades fisiológicas da espécie, os coelhos podem evoluir a óbito durante a contenção, em decorrência de miopatia de captura (NASCIMENTO, 2023). Outra característica relevante é que esses animais não vomitam nem regurgitam, portanto, não houve necessidade de jejum alimentar prévio (ROCHA; PIRES, 2024).

A medicação pré-anestésica (MPA) é essencial, pois facilita a contenção, reduz o estresse e potencializa os agentes indutores. Em coelhos, as doses utilizadas tendem a ser mais elevadas que as empregadas em cães e gatos, em razão do metabolismo mais acelerado característico da espécie. No presente caso, a MPA foi administrada por via intramuscular, utilizando-se cetamina (10 mg/kg), midazolam (2 mg/kg) e morfina (1 mg/kg), resultando em sedação adequada para a cateterização intravenosa da veia auricular com cateter 24G (MASSONE, 2019).

A indução anestésica foi realizada com propofol na dose de 2,5 mg/kg, diluído em solução fisiológica (cloreto de sódio 0,9%) e administrado lentamente ao longo de três minutos. Para a intubação orotraqueal, aplicou-se lidocaína a 3 mg/kg para anestesia periglótica, reduzindo dor e reflexos, o que permitiu a introdução de um traqueotubo calibre 2,0, sem balão. Após a intubação, o paciente foi encaminhado ao centro cirúrgico, onde foram instalados os equipamentos de monitorização dos parâmetros fisiológicos — eletrocardiograma, oxímetro de pulso, termômetro e manguito para aferição da pressão arterial — etapa fundamental para assegurar a segurança e o sucesso do procedimento anestésico (IMAGEM 01) (ROCHA; PIRES, 2024).

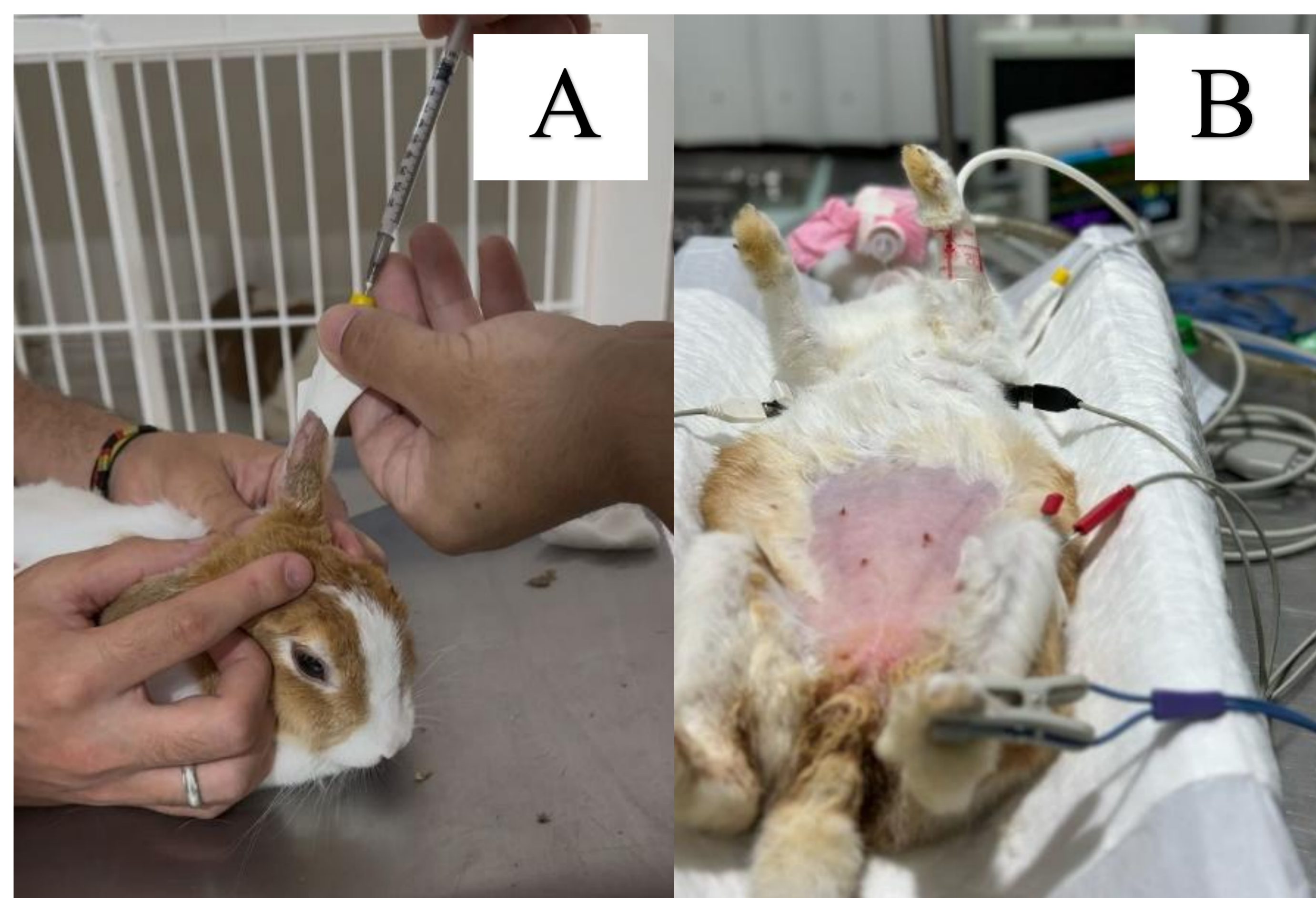


IMAGEM 01: (A) Indução anestésica com propofol via intravenosa na veia auricular; (B) Paciente posicionado em decúbito dorsal na mesa cirúrgica, com aparelhos de monitoramento de parâmetros.

A manutenção anestésica foi realizada com isoflurano, um agente anestésico inalatório, administrado em vaporizador universal e ajustado de acordo com a resposta clínica do paciente (dose-efeito). Após 30 minutos de cirurgia, foram administrados um bolus de fentanil (7 mg/kg) e um bolus de propofol (1,5 mg/kg) para adequação do plano anestésico. O procedimento teve duração aproximada de uma hora, sem intercorrências, resultando em recuperação anestésica satisfatória. O manejo medicamentoso pós-operatório foi conduzido pela equipe da clínica veterinária (GRIMM et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As particularidades fisiológicas dos coelhos tornam o manejo anestésico e cirúrgico dessa espécie um desafio, exigindo planejamento criterioso e seleção adequada de fármacos e técnicas. Procedimentos como a cistotomia, quando devidamente conduzidos, apresentam bom prognóstico, desde que associados a monitorização rigorosa e controle efetivo do estresse. A compreensão das limitações metabólicas, comportamentais e respiratórias dos lagomorfos é essencial para minimizar riscos intra e pós-operatórios, garantindo maior segurança e bem-estar ao paciente.

REFERÊNCIAS

- CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS., J. L. **Tratado de animais selvagens**. São Paulo: Roca, 2014.
- GRIMM, K. A. et al. **Anestesiologia e analgesia em veterinária**. Rio de Janeiro: Roca, 2017.
- MASSONE, F. **Anestesiologia veterinária: farmacologia e técnicas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.
- NASCIMENTO, G. M. **Triade neonatal e miopatia de captura em coelho (Oryctolagus cuniculus) – relato de caso**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Ciências da Educação e Saúde) – Centro Universitário de Brasília – CEUB, Brasília, 2023.
- ROCHA, L. D.; PIRES, L. F. Anestesia em coelhos domésticos (*Oryctolagus cuniculus*): revisão. **PUBVET**, v. 18, n. 03, e1559, p. 1-7, 2024.